

# O convite dos jovens a um território polifônico

**Débora Pontalti e Lia Salomão<sup>2</sup>**

**RESUMO:** Ao contrário do que o senso comum demonstra, os jovens são engajados na vida pública e possuem especial atenção à sua formação enquanto sujeitos ecológicos. Buscando compreender que tipo de inovação social as juventudes agregam ao movimento socioambiental, reunimos um grupo de oito jovens e oito não-jovens formados pelo Programa Carta da Terra em Ação, para uma roda de conversa. A luz do conceito de narrativa polifônica (Bakhtin, 2008), entende-se que o maior achado desta pesquisa foi descobrir que a diferença entre a atuação socioambiental dos jovens e não-jovem, reside em como cada grupo enxerga e interage com a diversidade presente em um território polifônico.

**PALAVRAS-CHAVE:** juventude, meio ambiente, diversidade

## INTRODUÇÃO

Não é raro ouvir que a juventude tem se afastado da política e que as novas gerações são apáticas, individualistas e desinteressadas. Contudo, estudos demonstram que, ao contrário do senso comum, os jovens têm se mostrado mais engajados em formas não-convencionais de participação política (KRISCHKE, 2004) e especialmente atentos à sua formação enquanto sujeitos ecológicos (CARVALHO 2004, CRISTO, 2017).

Motivadas por compreender que tipo de inovação social os jovens agregam ao se engajarem no movimento socioambiental, reunimos um grupo de oito jovens formados pelo Programa Carta da Terra em Ação (Carta) e oito não-jovens, também formados pelo programa, para uma roda de conversa.

Utilizando este programa como universo desta pesquisa e, analisando o perfil dos inscritos nas atividades ofertadas pelo Carta,

notamos que dos 3.877 interessados, mais de 40% deles são jovens com menos de 30 anos de idade. Tal dado reforça os achados de KRISCHKE (2004) e CARVALHO (2004), reafirmando o interesse da juventude pelo engajamento ecológico.

Ainda com base em estudos anteriores, Boy, Muxel e Roche (1994) apontam que essa área atrai a juventude pois opera sobre a realidade concreta do território e, embora a ação seja circunscrita no âmbito local, dialoga com causas planetárias e valoriza uma dimensão ético-moral da atuação. Já para Rennó (2003), as questões socioambientais trazem novos desafios para uma atuação cidadã. O autor destaca que essa agenda política caracteriza-se por demandar inovação nas formas de mobilização coletiva e estratégias de ação, uma vez que precisam acolher a diversidade de membros que compõe o movimento e a escassez de recursos.

Para analisar o contexto de inserção de jovens baianos no movimento ambientalista, o educador Hélio Souza de Cristo (2017) entrevistou 10 jovens com idades entre 15 e 29 anos, fortemente ativos em organizações ambientalistas. Nos depoimentos colhidos pelo educador, notamos um incômodo trazido pelos entrevistados ao relatarem que, em muitos casos, a juventude é vista pelos mais velhos, majoritariamente, como mecanismo de execução, ficando apartada das fases de diagnóstico e planejamento da ação.

Esse cuidado de não tornar o jovem mero figurante é corroborado por Souza (2006). Para que os jovens possam desenvolver plenamente sua cidadania é fundamental não segregar os indivíduos que pensam as ações, daqueles que as executam. Tal separação dificulta aos jovens seu desenvolvimento integral enquanto sujeitos que pensam, discutem e refletem sobre sua atuação (SOUZA, 2006; CRISTO, 2017).

Diante desse cenário onde (i) o jovem tem se engajado em movimentos políticos não-formais e (ii) o movimento ambientalista carece de inovação social para lidar com as dificuldades que enfrenta, o presente estudo buscou

compreender qual inovação social os jovens agregam às ações socioambientais desenvolvidas no âmbito do Programa Carta da Terra em Ação. Para tanto parte-se da hipótese que os jovens são vistos pelos não-jovens como fonte de energia para a execução de ações, não estando tão presente nas fases de diagnóstico e planejamento da atuação, bem como ausentes dos momentos posteriores de reflexão.

## JUVENTUDE, MEIO AMBIENTE E INOVAÇÃO SOCIAL

Coordenar um programa de educação ambiental que visa contribuir na ativação da cidadania dos sujeitos nos fez compreender que o caminho a ser trilhado deveria, necessariamente, fomentar um processo de aprendizagem contínuo e integrado, voltado ao desenvolvimento de uma cultura de pertencimento, corresponsabilidade e de protagonismo.

Em seus doze anos de história, o Carta reuniu, em suas formações, grupos de diversas faixas etárias, regiões, formações e atuações para dialogar e estimular que os participantes empreendam ações socioambientais que promovam qualidade de vida em seus territórios, impulsionando, assim, a sustentabilidade urbana na cidade de São Paulo (INOJOSA, 2012). Cabe destacar que o Carta é ofertado pela Universidade Aberta de Meio Ambiente e Cultura de Paz (UMAPAZ), da Prefeitura de São Paulo.

Este programa público também tem sua relevância no recorte da juventude. Como mencionamos anteriormente, o senso comum crê que os jovens demonstram desinteresse político. Porém, Norris (2004) e Krischke (2004) demonstram uma gradativa mudança qualitativa da juventude aderindo a manifestações com caráter mais espontâneo, associativo e não-convencional. “A energia política da geração mais jovem têm se expandido por meio da participação não-convencional, em lugar de simplesmente regredir à ‘apatia’ ou ‘apoliticismo’” (NORRIS, 2004, p.19).

Considerando a constatação acima, e após um breve diagnóstico sobre quem procura pelas formações do Carta, notamos que mais de 40% dos inscritos são jovens com menos de 30 anos. Isso nos coloca como uma das possíveis portas de entrada para ampliação das possibilidades de integração social da juventude.

Porém, como este não é um programa voltado à juventude, nas formações do Carta o grupo é concebido de maneira que cada turma seja representativa da diversidade social existente em uma cidade complexa como São Pau-

<sup>1</sup> Bióloga com mestrado em Cidades Inteligentes e Sustentáveis e coordenadora do Programa Carta da Terra em Ação, da Universidade Aberta de Meio Ambiente e Cultura de Paz - debora.pontalti@gmail.com

<sup>2</sup> Geógrafa, especialista em Responsabilidade Socioambiental Empresarial e Coordenadora do Programa Educação e Território na Associação Cidade Escola Aprendiz - liasalo-maolopes@gmail.com



lo (PONTALTI; SALOMÃO, 2018). Sendo assim, com base no cenário proposto pelas formações do Carta, emprestamos o conceito narrativo polifônico criado por de Bakhtin (2008), ao analisar a obra de Dostoiévski.

Para Bakhtin, os romances de Dostoiévski caracterizam-se por contradições irremediavelmente contraditórias, não sendo possível a superação dialética dos conflitos apresentados na obra. Em outras palavras, o romance traz personagens que ostentam “vozes sociais que se defrontam, se entrecrocaram, manifestando diferentes pontos de vista sociais sobre um dado objeto” (RECHDAN, 2003).

Assim como nas contradições do romance, os dilemas provenientes dos múltiplos do território, da diversidade de olhares e desejos dos sujeitos, também não são passíveis de resolução. Destacamos que é neste quadro polifônico que o movimento ambientalista irá agregar sujeitos e propor suas ações socioambientais.

Em vista disso, uma resposta inovadora, que gere mudança social, faz-se necessária. Conforme apontado anteriormente por Renó (2003), a agenda socioambiental demanda inovação social. E esta é entendida por Martinelli (2003) como uma ação coletiva, que,

(i) Contribui para a satisfação de necessidades humanas não satisfeitas de outra forma; (ii) Aumenta os direitos de acesso (por exemplo, pela inclusão política), e; (iii) Aumenta as capacidades humanas (por exemplo, capacitando grupos sociais específicos, aumentando

o capital social) (Martinelli et al., 2003: 47-48).

Ou seja, a inovação social emerge no território quando os sujeitos se apropriam do protagonismo em suas comunidades, buscando superar desafios e aumentar o capital social da comunidade.

Diante de todo exposto, ressaltamos que o presente estudo buscou compreender qual inovação social os jovens agregam às ações socioambientais desenvolvidas no âmbito do Programa Carta da Terra em Ação, levando em consideração o engajamento juvenil em movimentos políticos não-formais e os dilemas para agregar as diversas identidades que caracteriza o movimento ambientalista.

### UMA RODA DE CONVERSA ENTRE JOVENS E NÃO-JOVENS

Por se tratar de uma pesquisa de natureza qualitativa, que busca explorar o significado que um grupo atribui a um fenômeno humano, optamos pela vertente narrativa, como método de trabalho, cujo instrumento utilizado para coleta dos dados foi a Roda de Conversa. A fim de averiguar a hipótese levantada, convidamos 16 Carteiros<sup>3</sup> para uma videoconferência, via Zoom.

Desse modo, o quadro de participantes dessa pesquisa foi constituído por 8 jovens entre 18 e 29 anos, sendo 4 homens e 4 mulhe-

res, com formações nas áreas de direito, turismo, arquitetura, agronomia, biologia e ciências do mar; e 8 não-jovens, entre 32 a 72 anos, sendo 3 homens e 5 mulheres, com formações nas áreas de direito, economia, informática, arquitetura, geografia e ensino médio.

Após receber os convidados e criar um ambiente acolhedor à partilha e à escuta, subdividimos o grupo em duas salas menores entre jovens (até 29 anos) e não-jovens (acima de 30 anos). Nos subgrupos, três afirmações equivalentes foram apresentadas para que eles completassem, como ponto de partida para o diálogo:

i. Eu transformo o território visando um ambiente...

ii. Se eu tivesse mais de 30 anos/menos de 30 anos, minha atuação socioambiental seria...

iii. O encontro intergeracional desperta em mim...

Após todos colocarem suas opiniões e vivências, retornamos para o grande grupo, onde as pesquisadoras apresentaram uma síntese do que foi conversado em cada sala. A etapa seguinte foi apresentar a hipótese levantada ao grupo como tema-gerador da conversa. Outras três frases foram apresentadas ao grupo:

iv. Jovens estão menos nas etapas de planejamento e mais na ação.

v. É preciso o impulso do jovem para a atuação socioambiental.

vi. Como vocês veem ações que agregam

<sup>3</sup> O apelido Carteiros foi espontaneamente adotado pelos participantes formados pelo Programa Carta da Terra em Ação ao chamarem para si a responsabilidade de serem portadores e levarem os valores da Carta da Terra para suas comunidades.

identidades diversas?

Esgotado o assunto, encerramos a Roda de Conversa, agradecemos ao grupo e posteriormente sistematizamos as narrativas para compor os depoimentos aqui apresentados.

## COLETA E ANÁLISE DAS NARRATIVAS

O contexto onde o jovem está inserido influencia a construção de sua identidade e a forma como vê e se coloca no mundo. Os laços sociais construídos em sua juventude, potencializam a formação de sua identidade, possibilitando que se sintam reconhecidos nas diversas redes que participam, e oportunizam a experimentação e o comprometimento com os coletivos que integram (MISCHE, 1997).

Ser parte, se sentir pertencente a um grupo, além de formar a identidade dos jovens é também um dos valores que os movem na transformação de suas localidades. Para Guilherme, parte de sua motivação ao transformar ambientes é que estes sejam coletivos e que despertem as potencialidades dos sujeitos.

Um ambiente mais coletivo, que as pessoas participem de forma mais efetiva e se sintam pertencentes àquele local. Que as pessoas tenham consciência sobre o poder de ação delas, que elas consigam se movimentar a partir disso. E eu acho que essa é uma das principais dificuldades, a galera saber 'eu tenho potência', e ela descobrir essa potência dentro dela (Guilherme, 26a).

O fomento a espaço coletivos também aparece nas narrativas dos não-jovens. Para Lucineide, sua transformação do território visa "um ambiente em que todos possam usufruir, compartilhar o espaço, tenham uma área para lazer e para brincar" (Lucineide, 59a). O espaço público que fomenta o coletivo também é apontado por Alexandre. "[Tem essa] questão do diálogo entre gerações. O espaço público deveria promover melhor isso. Deveria ser também [o lugar do] diálogo entre as diversas camadas da sociedade e não o espaço onde elas mostram suas diferenças" (Alexandre, 43a).

Fica visível, nas narrativas apresentadas, que este grupo busca, em suas intervenções territoriais, ambientes que acolham a diversas possibilidades de usos daquele espaço. Com a população se apropriando do território, benefícios indiretos, como maior segurança, emergem. Para Clara, um território onde "as pessoas

ocupem a rua, o espaço público, torna esse espaço público mais seguro" (Clara, 32a).

Nos chamou atenção que, diferentemente das considerações feitas pelo jovem Guilherme, as narrativas dos mais maduros não explicitam os cidadãos como protagonistas dos espaços, como agentes de transformação, mas, sim, como usuários daquele ambiente. Essa vertente de espaços coletivos que convidam ao protagonismo aparece também no discurso de outros jovens. Porém, para que o território seja convidativo e acolhedor ao mosaico de identidades que o compõem, Lola destaca que é importante que também seja acessível. Destacamos que a jovem extrapola a ideia básica de acessibilidade, normalmente associada a conceber espaços que oportunizem condições de uso com segurança e autonomia por pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida (BRASIL, 2004).

Eu transformo território visando um ambiente não só pautado na coletividade, mas também na acessibilidade. E não só a acessibilidade inclusiva, mas a de linguagem também. Eu acho que quando você consegue se comunicar com as pessoas falando a língua delas, entendendo a realidade delas, eu acho que você pega num ponto que toca de verdade. Não é só o "vou atuar aqui, porque é legal para o meio ambiente" (Lola, 23a).

O relato de Lola, ao reconhecer que todos estão aptos a serem protagonistas na vida pública, vem carregado da ideia de cidadania de Maria Benevides (1994). Para a autora, ser cidadãos vai além de exercer seus direitos e cumprir seus deveres. Ser cidadão é assumir uma função social (1994), é ser protagonista na construção do espaço público.

Vale destacar ainda o que Lola chama de incluir diversas linguagens. Para o filósofo russo Bakhtin (2008), a multiplicidade de vozes equivalentes - equipolentes, nas palavras do autor - expressam os diferentes pontos de vista acerca de um mesmo assunto.

Elas são equipolentes na medida em que mantêm com as outras vozes do discurso uma relação de absoluta igualdade como participantes de um grande diálogo inconcluso. Essas vozes representam uma multiplicidade de consciências e seus mundos que se combinam numa unidade de acontecimento (MARCUIZZO, 2008).

Emprestamos o conceito de polifonia de Bakhtin para reforçar a noção de que é de-

sejável que um território seja polifônico, ou seja, acessível a todas as linguagem. A jovem acredita que o ambiente deve convidar para a atuação socioambiental a multiplicidade de consciências - e seus mundos - que vivenciam aquele espaço. As jovens Luana e Isabela corroboram a narrativa de Lola, destacando que existem diferentes realidades e essa abertura para a diversidade facilita com que outros cidadãos se sintam pertencentes ao movimento socioambiental.

Existem muitas realidades, então, eu atuo para um ambiente que entenda todas as línguas e que essa questão de cuidado com o meio ambiente e tudo mais, que seja uma língua universal para todo mundo. Independente se você é de lugar X ou Y (Luana, 23a).

E eu fico pensando como é que a gente consegue fazer com que as pessoas sintam vontade de participar das coisas coletivamente? As pessoas vão de casa para o trabalho, daí tem algum processo coletivo, participativo, tem muita gente que só não tem energia pra participar. Então, eu tento pensar em formas de acolher todas essas pessoas e tornar [a ação] leve e acolhedora para elas também (Isabela, 25a).

Os jovens formados pelo Carta chamam a atenção para uma questão interessante: é fundamental que o movimento socioambiental seja flexível/plástico/elástico a fim de permitir que cada um se expresse de sua forma, como sujeitos sociais da ação. Ou seja, como seres humanos que carregam consigo suas histórias e seus desejos, porém estão abertos ao mundo (CHARLOT, 2000). Para a socióloga Maria da Glória Gohn agregar é preciso pois "sem engajamento dos indivíduos enquanto sujeitos, nada acontecerá nem haverá progresso" (GOHN, 2014, p. 26).

Narrativas que almejam um território mais verde, saudável, equitativo e com justiça social apareceram nas vozes dos outros participantes em ambos os grupos. Os Carteiros atuam no território compartilhando tais motivações, porém há diferença na forma como as gerações enxergam o vínculo entre sua atuação profissional e seu engajamento socioambiental. Para Susie,

A gente vai atuar de formas diferentes em relação à idade. Hoje, por exemplo, eu gostaria de ter mais idade do que eu tenho. Eu vejo alguns colegas que estão super atuantes porque já estão aposentados e fazendo coisas incríveis. E eu ainda estou no processo de muito trabalho e sobra pouco tempo para me dedicar ao que eu gostaria. Mas como a pergunta é - e

se eu tivesse menos de 30, talvez eu procurasse algo dentro da minha área em que eu pudesse atuar profissionalmente com o meio ambiente. E procuraria também uma aproximação política, porque eu acho que o meio ambiente precisa desse diálogo. A gente não consegue fazer muita coisa sem essa proximidade com a política (Susie, 52a).

Susie é arquiteta e se envolveu no movimento ambiental mais madura. O jovem Pedro, que também é arquiteto, desde sua graduação buscou direcionar sua carreira a fim de conciliar sua atuação profissional com seu engajamento social. Seidl (2014) valida a juventude como sendo o momento ideal para esse casamento. Ao final da adolescência, quando a vida social pública fica mais intensa, os sujeitos podem buscar vertentes na sua área de formação que se aproximem do movimento ambientalista. Essa fase é a ideal para essa guinada pois, com a entrada na fase adulta, “em determinado momento da vida, [o jovem] afasta-se parcial ou momentaneamente do ativismo e, como se costuma dizer, vai cuidar de sua vida” (SEIDL, 2014, p. 61).

Se eu tivesse menos de 30 anos e se eu tivesse a consciência que eu tenho hoje, eu teria tomado um rumo um pouco diferente. Eu não teria feito economia, mas, sim, geografia, justamente para poder me instrumentalizar um pouquinho melhor. Juntaria cognitivamente tudo o que eu vivi e levaria para construir um processo um pouco mais estruturado, mais focado nessa questão do meio ambiente. Eu seria isso! Eu não seria também isso (Sílvia, 56a).

Esse desejo em unir engajamento socioambiental como a atuação profissional está presente nas narrativas dos jovens da Roda de Conversa. Lucca, o mais novo do grupo, relata que se tivesse mais de 30 anos sua “atuação seria mais profissional, porque já estaria formado como agrônomo e ia poder usar a profissão para atuar em alguma ação” (Lucca, 18a). Percebe-se que para a juventude entrevistada, a atuação profissional está fortemente vinculada ao desejo de transformar o território. Luana, que cursa o último semestre da graduação, reafirma a colocação de Lucca ao dizer “eu não sei se eu mudaria muito a minha cabeça, talvez sim. Mas eu vou na do Lucca, também. Porque já vou estar na minha profissão e vou seguir minha atuação com educação ambiental” (Luana, 23a).

Ainda neste exercício imaginativo de se colocar em outra geração, Lola e de Paula es-

peculam sobre a virtude do diálogo.

Se eu tivesse menos de 30, o diálogo com outros grupos seria um pouco mais fácil. A gente percebe que sendo um pouco mais maduro, a gente tem uma certa dificuldade. Muitos não nos entendem, muitos não dialogam no nível que a gente deseja, então fica um pouco mais difícil [a comunicação] (de Paula, 72a).

Quando eu tiver mais de 30 anos, talvez o meu tato esteja mais aguçado e a minha escuta também esteja melhor. [Talvez] assim, eu consiga dialogar da maneira correta com as pessoas (Lola, 23a).

Em seu depoimento, de Paula exprime um incômodo em, por vezes, não ser compreendido ou não conseguir estabelecer a conexão desejada com o outro. Talvez esteja se referindo a uma rigidez na escuta que pode caracterizar algumas pessoas maduras e, em sua narrativa, fica tácita a importância da flexibilidade. Por outro lado, Lola aposta na maturidade para aprimorar sua paciência e escuta. Cabe lembrar que tornar as diversas vozes equivalentes foi apontado pelos jovens, especificamente por Lola, como uma das qualidades desejáveis nos territórios. Isso explica porque a jovem aspira que a maturidade aprimore sua virtude do diálogo.

Outro ponto de destaque nas narrativas da juventude é o reconhecimento de que as gerações mais maduras têm muito a ensinar em função de sua experiência. Assim, aconselhar as futuras gerações e contribuir na formação dos sujeitos é visto como uma potencial forma de atuação.

Eu acho que a experiência, ela traz muitos aprendizados e isso é muito importante. As nossas ações se tornam mais efetivas, porque nós já lidamos com várias outras situações e isso consolida esse aprendizado, alguns erros, alguns vícios que você já passou, você não vai passar mais. E se eu tivesse mais de 30 anos, minha atuação seria também de formar a galera, dar conselhos, de trazer indicações do que eu já passei e que essa galera pode passar (Guilherme, 26a).

Assim como Guilherme, diversos jovens também se apoiam na maturidade para aprimorar sua atuação e partilha de conhecimentos. Para José Mateus, quando ele tiver mais de

30 anos, sua atuação também seria nesse sentido, “de compartilhar o máximo possível do que sei, do meu conhecimento” (José Mateus, 25a). O olhar de admiração acerca da experiência dos mais maduros, torna-se mais evidente com a terceira provocação apresentada, sobre as potencialidades do encontro intergeracional.

Novamente a virtude do diálogo proporcionada pelo encontro entre as gerações se faz presente. José Mateus destaca que dividir espaço com outras gerações possibilita entender o contexto social no qual as identidades daqueles outros sujeitos foram se formando. O encontro intergeracional

desperta em mim aquela sensação ‘nossa, quando crescer, quero ser igual a ele’. No sentido de ‘quando tiver na sua idade’ quero ainda estar lutando por aquilo que eu acredito. (...) E de tentar, realmente, ver além dessa questão da troca de experiência. Se aprende muita coisa sobre o passado porque a pessoa vai falar ‘ah, na minha época era assim, assim, assado’. Então, a gente compreende um pouco mais como era antigamente, como eram as visões de mundo e certos pontos de vista (José Mateus, 25a).

O discurso de José Mateus resgata o conceito de sujeito social de Charlot (2000), destacando a importância de não separar o indivíduo de suas relações e de seus vínculos geracionais e territoriais. Essa mesma narrativa está presente na colocação de Luana, ao falar com admiração sobre a convivência e troca de experiências com pessoas de outras gerações que militam ao seu lado.

Esse encontro pra mim é como o José Mateus falou: ‘Quando eu crescer, eu quero ser igual você’, sabe? Porque quando a gente tá aqui a gente pensa na transformação e não é fácil, é muito difícil. Ver as pessoas mais velhas e o que elas conseguiram, saber pelo que a pessoa passou, o que aconteceu... E aí, na minha própria caminhada, no meu próprio processo, você consegue ver que é difícil só que vale a pena! Então, me dá também uma esperança, sabe, de ver que você está no seu processo, que está batalhando por uma coisa melhor e que você não tá sozinho, que tem gente do seu lado. Eu acho que quem é mais velho, traz essa esperança. [Na dúvida, você pensa] ‘Será que é isso mesmo?’ Aí você vê a pessoa, onde ela estava, o que ela passou, o que ela conquistou. Isso ajuda, dá mais vontade, mais garra de

seguir no caminho (Luana, 23a).

Ao analisar o discurso de Luana, notamos que o exemplo de vida dos mais maduros traz esperança e calma à impulsividade da juventude. Por outro lado, o encontro com os mais novos rejuvenesce e alegria a atuação dos mais experientes.

O encontro intergeracional, pra mim foi muito benéfico. Quando eu fiz o Carta, eu já tinha 52 anos, e assim como a Susie mencionou, eu também perdi muito tempo da minha vida no mercado corporativo. E acho que cuidar do meio ambiente é cuidar também da humanidade, cuidar dos nossos fatores humanos. Eu só me dediquei a isso após 2010. Eu tinha saído de uma empresa e eu vi que a minha trajetória de vida não tinha deixado um legado para o meio ambiente, para a sociedade. E aí eu mudei. Conhecer os jovens do Carta, quando eu já era bem maduro, com mais de 50 anos, reacendeu a chama da juventude em mim mesmo (Álvaro, 57a).

Esses encontros, como o que a gente tá vivendo agora, esse encontro entre gerações, eu acho muito gostoso, porque a gente vê jovens, pessoas de meia idade e pessoas mais experientes falando sobre o mesmo assunto, sobre a mesma vontade de transformar. Isso é muito gostoso! A gente encontra energia nos mais jovens (de Paula, 72a).

As potencialidades do encontro com o diverso ficam evidentes em ambos os grupos. Essa aposta feita pelo Programa Carta da Terra em Ação tem se mostrado muito acertiva. O programa se inspira na filosofia de Spinoza, que afirma que a potência de agir de um corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou entravada em função de como esse corpo é afetado (SPINOZA, 1983). Assim, o Carta reconhece que cada sujeito pode ser afetado de inúmeras formas, por diversos estímulos, sejam eles do próprio território ou pelo contato com outras identidades diversas. Esse encontro influenciara na potência de agir, o ânimo do indivíduo.

“Este é o grande convite do Programa Carta da Terra em Ação: promover o encontro e colocar para dialogar um grupo de pessoas que seja representativo da diversidade de São Paulo” (PONTALTI & SALOMÃO, 2018, p.17). Para as autoras, implantar um programa de educação ambiental que propõe formar agen-

tes socioambientais urbanos significa atrair para a formação e “garantir lugar de fala à todas as tribos, guetos, movimentos e ideologias” na transformação do espaço público (PONTALTI & SALOMÃO, 2018, p.17). Cabe destacar que o Carta não foca, especificamente, em promover encontros intergeracionais. Para o programa, esse é um dos recortes possíveis e existem muitos outros que também devem ser levados em consideração.

Sobre essa diversidade de vozes, não são todos os jovens que relatam boas memórias sobre encontros intergeracionais. Isabela, Nadine e Lola trazem outros olhares sobre experiências passadas.

Eu acho que o encontro intergeracional desperta em mim entusiasmo. Mas nem sempre foi assim, principalmente nas eleições de 2018, né? Muita coisa foi bem difícil nessa parte (Isabela, 25a).

Eu não sou tão otimista, não. Os espaços que eu frequento, que rolam esse encontro intergeracional, são sempre de um pouco desdém em relação a atuação da juventude, um pouco de ‘aham, você tá chegando agora’. E muitas dessas pessoas que são mais velhas, usam desse fato para justificar as merdas que eles falam e fazem. E são pessoas que têm acesso a informação, que estão dentro do debate, dos mais variados debates sociais e de minorias, mas que continuam nesse rolê arcaico. Eu já tive bastante conflito com isso em alguns espaços, e não tem sido boas experiências. Não tem sido muito acolhedor esse espaço intergeracional (Nadine, 29a).

Eu acho que o que desperta em mim é metade euforia, metade desespero, sabe? Eu sinto que eu fui ter contato com gerações mais velhas de pessoas ativas, quando eu comecei a frequentar a UMAPAZ. Eu acho que a UMAPAZ abriu as portas pra eu pensar ‘não, a galera de outras gerações é ativa. Eles são foda’. Acho que toda referência que eu tinha, os espaços que eu permeava, falando até pela minha família, eram de pessoas não ativas socialmente. Presas nessa rotina de tramar, voltar, cuidar do filho, cuidar da casa e não ter uma participação tão ativa na sociedade. O Carta me trouxe, me deixou próxima de pessoas que eu falei ‘Caralho, viado, quero ser assim quando eu crescer’. Então, eu acho que o que me desperta é euforia, e desespero dessa galera que é difícil de dialogar sabe? Na minha trajetória trabalhando em restaurante, tentando implementar a

reciclagem [separação dos resíduos], a galera não queria ajudar. [Diziam] ‘Você acredita mesmo nisso? Não funciona. O mundo tá perdido’. Não, mano, me escuta! Eu nem falei ainda! Por que tu não quer me escutar? Então, essa mente fechada me deixa meio assim, querendo chacoalhar as pessoas, mas eu sei que eu não posso fazer isso (Lola, 23a).

Os relatos trazidos por essas jovens conversam com inquietações apresentadas nas entrevistas realizadas por Cristo (2017) e nos estudos de Souza (2006), ao evidenciar que o engajamento socioambiental pode ser encarado como um tipo de educação não-formal, portanto pode contribuir para o empoderamento da juventude e sua transformação em um ator social. O silenciamento levantado pelas jovens desperta em Pedro um olhar reflexivo sobre sua atuação com crianças. O jovem se coloca atento para não repetir um modelo que julga inadequado.

Tem essa questão da relação com os mais novos. Eu fico bem empolgado. Eu sempre gostei de trabalhar com criança e isso me instiga demais. Eu tenho esse pensamento de não querer ser como algumas [pessoas] das gerações mais velhas, de não ser duro. Sei lá, pegar umas coisas meio Freirianias [em referência ao educador Paulo Freire]. Buscar ensinar as pessoas e aprender com elas nesse mesmo processo. Eu vivo muito essa crise. [Algumas] pessoas que falam ‘ah, essa geração de hoje é mi mi mi, são muito fraco psicologicamente’. Isso me cansa, sabe? Porque se você for ver o que a gente tá atravessando socialmente, eu acho que ninguém tem sanidade mental pra poder atravessar isso, sabe? É muito complicado quando vem gente mais velha falar ‘ah, o mundo tá desse jeito e vocês não aguentam. Tem que aguentar!’. Eu acho que não. Eu acho que isso é uma das coisas que motiva a gente a transformar. Não dá pra aguentar do jeito que tá! Eu vivo essa crise, de empolgação, de aprendizado com os mais velhos, mas também é muito conflituoso pra mim (Pedro, 25a).

Ao serem provocados a pensar em encontros intergeracionais, os jovens trouxeram dores de vivências que extrapolam o universo das ações socioambientais no âmbito do Pro-

grama Carta da Terra em Ação. Em seus discursos notamos que reivindicam seus espaços nas discussões e decisões da sociedade em que vivem. O educador Paulo Freire (2011) reconhece que essa formação de consciência política é um caminho espontâneo e eficiente para que o indivíduo se perceba e assimile o mundo que o cerca, atribuindo sentido e significado à sua existência em relação ao mundo.

É preciso que o cidadão sinta que, para uma transformação maior, o seu engajamento é necessário. Não basta que simplesmente tenha interesse em melhorar as condições de vida de sua comunidade (BRENNER, 2014). O que Brenner chama de interesse, traduzimos nesta pesquisa como desejo de construir territórios mais coletivos, que promovam o pertencimento e o protagonismo dos cidadãos que usufruem desse espaço. A autora ressalta que é fundamental que os sujeitos sintam que sua participação será percebida como necessária.

Essa percepção apontada por Brenner dialoga com as devolutivas recebidas na Roda de Conversa à provocação “Os jovens estão menos nas etapas de planejamento e mais na ação?”. Este questionamento foi feito com os grupos unidos novamente em uma única sala. Todos manifestaram a necessidade de não separar planejamento de ação. E negaram que, nos encontros intergeracionais que participam, os jovens estejam apartados da fase de planejamento. Pedro foi o primeiro a falar e criticou a provocação feita.

Eu achei essa pergunta meio mecanicista, como se o planejamento e a prática fossem dissociados. Eu penso que a prática é integrada ao planejamento. E se a gente tá num ambiente que integra as diversidades em todas as suas formas, incluindo a geracional, eu penso que o jovem vai estar incluído na etapa de planejamento (Pedro, 25a).

A primeira parte da contestação apresentada por Pedro esteve presente na fala de outros convidados. Contudo, pode passar despercebido por muitos o adendo feito pelo jovem ao ressaltar a importância do ambiente ser convidativo a todas as identidades. Em diversos momentos estes jovens entrevistados explicitam o que para eles é algo trivial: o ambiente mais do que acolher a diversidade, deve convidá-la. Desta forma, assim como preconizado por Brenner (2014), os sujeitos sentem

que sua contribuição é necessária.

É interessante perceber que, nos complementos feitos pelos não-jovens, o envolvimento de cada sujeito em uma fase ou outra da atuação socioambiental se dará com base no perfil do indivíduo. “Eu percebo que não tem a ver com idade, eu acho que tem a ver com o perfil da pessoa” (Susie, 52a). “Eu também acho que não é uma característica da geração em si, é uma característica mais individual. Tem gente que gosta de planejar. Eu gosto de planejar” (Álvaro, 57a).

Concordamos que a aptidão deve ser levada em consideração, porém, segundo os relatos apresentados, inferimos que a visão de mundo dos não-jovens trabalha com o acolhimento da diversidade que aparece no processo de mobilização e engajamento. Provocada pelo conjunto das interações, Silva questiona o grupo:

Quando eu olho pra essa pergunta, eu vejo de duas formas. Eu vejo partindo do indivíduo em relação a forma com que ele atua, e também como as coisas são feitas em relação aos jovens. Será que as pessoas que são mais maduras, quando vão ao planejamento, elas levam em conta a importância de incluir os jovens no planejamento? Na concepção do planejamento? Ou elas trazem o jovem já para a implementação, justamente porque o jovem é ativo, tem energia, tem essa habilidade, essa capacidade de execução tão potente? Eu acho que, talvez, a gente deixe a desejar. Eu acho que as pessoas que são mais maduras, muitas vezes, tendem a achar que o conhecimento é de direito desta geração. É um pouco o que eu sinto. É um pouco da arrogância dos mais maduros em relação àqueles que são mais jovens (Sílvia, 57a).

A reflexão trazida por Sílvia, sobre a postura dos envolvidos na construção de uma ação, destaca a importância de que todo o processo seja convidativo à participação. Não basta desejar a inclusão, é preciso ser proativo e buscar a diversidade. Somente sendo sujeito da ação, ou seja, pensando, discutindo e refletindo sobre sua atuação é que podemos auxiliar a juventude, ou qualquer outro indivíduo, em seu desenvolvimento integral. Ainda nesse contexto, Alexandre complementa a provoca-

ção trazida por Sílvia.

Em alguns projetos, o que estraga é quando uma pessoa não escuta. Aí, acaba que as pessoas se desinteressam de participar e vão saindo. A questão é a pessoa ter a generosidade da escuta sempre, independente de quem seja (Alexandre, 43a).

Notamos que, ao reunir todos em um só grupo, à medida que as colocações foram sendo feitas, começa-se a criar uma consciência coletiva sobre a não concordância com a divisão por faixas etárias. Podemos atribuir esse movimento, parte pela trajetória de vida dos convidados, mas também por essa subdivisão ser desconstruída ao longo da formação que eles cursaram no Carta.

Nesse contexto, Lola, sempre a mais provocativa durante toda a roda de conversa, toma a palavra.

Inclusive, eu acho meio chato esse recorte de idade. Na ‘sincera’ mesmo. Eu penso que território é constituído por pessoas. E fazer esse recorte numa ação, acaba sendo limitador. Pensando o território como um espaço que várias pessoas ocupam, para fazer uma ação nele ‘a boa’ é todo mundo fazer junto, sabe? Claro que não vou colocar uma pessoa de 90 anos pra pegar numa enxada! Mas no geral, é isso (Lola, 23a).

Assim como para os participantes, refletir sobre o recorte de idade não condiz com a visão do Programa Carta da Terra em Ação. Para nós, pesquisadoras e coordenadoras do Carta, a diversidade de participantes está no DNA4 do programa e é o meio utilizado para convidar os futuros Carteiros a um processo de abertura e reflexão.

E o que é criar um ambiente de abertura e questionamento se não propiciar o encontro de participantes com realidades tão distintas, formações e visões de mundo diversas e, com eles, exercitar a escuta, a presença e a intenção da construção de uma coletividade transformadora? (PONTALTI; SALOMÃO, 2018, p.22).

4 Emprestado da biologia, empregar o termo DNA significa dizer que a multiplicidades de olhares sobre a cidade compõem a identidade do Programa.

O programa aposta que a transformação da cidade passa por uma transformação que é, ao mesmo tempo, individual e coletiva. Para facilitar esse processo, a convivência com distintas realidades favorece a ampliação do olhar e da escuta. Assim como em ações socioambientais nos territórios, o inicialmente embates de ideias surge e causa desconforto. Portanto é fundamental manter atenção para que esses encontros sejam traduzidos em bons encontros que aumentem a potência de agir dos integrantes (SPINOZA, 1983).

A Roda de Conversa foi se encaminhando para o final com os participantes concluindo que o recorte etário é um dos possíveis. Porém, o recorte ideal para uma atuação socioambiental é aquele que consegue abarcar a maior diversidade de identidades.

Esse é o ideal. Quando você consegue ter todas as identidades representadas, [a necessidade do] planejamento fica mais forte, porque contemplar todo mundo torna a coisa mais complexa. Mas quando acontece é o melhor resultado possível. É o mais complexo. É o mais difícil. É democraticamente perfeito! Tipo um sonho (Nadine, 29a).

Eu acho que isso é que vai fazer com que as pessoas se sintam pertencentes a aquele lugar (Susie, 52a).

Você dá potência para aquilo que você pretende fazer. A gente não fala de idade, não fala de gênero, não fala de nada. A gente tem uma missão conjunta, um propósito que une todas essas pessoas, dentro de toda essa diversidade, de todas as possíveis matizes. E de uma forma [que] promove a diversidade, integra os olhares, possivelmente fazendo com que o produto final seja mais rico. Isso fortalece porque a ação ganha uma identidade que extrapola aquele momento específico (Silvia, 56a).

É o recorte ideal, porque, quando tem um grupo que promove uma ação, e esse grupo é todo mundo meio que é igual, a gente acaba não prestando atenção em pautas que são importantíssimas. Eu acho que essa diversidade de identidade dentro de uma ação, seria o modelo ideal para todas as ações (Lola, 23a).

As falas finais da Roda de Conversa evidenciam o que esse grupo de Carteiros entende e busca em suas ações de transformação territorial. Quando estimulados a pensar que ideal de cidade eles buscam, apreendemos que almejam um território que, mais do que agregar a diversidade de identidades, favoreça o pertencimento desses sujeitos sociais àquele lugar, despertando e promovendo a corres-

ponsabilização e inspirando os cidadãos a se engajarem nas transformações locais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, não se percebe grande diferença no ideal de cidade perseguido por jovens e não-jovens. Com base na Roda de Conversa realizada com 16 integrantes formados pelo Programa Carta da Terra em Ação, compreendemos que, em grupos intergeracionais, os jovens não ficam apartados do planejamento, contradizendo a hipótese levantada inicialmente.

Não encontramos evidências que comprovem a crença do senso comum, de que o jovem traz energia, impulso ou renovação da esperança aos não-jovens. O que observamos, pelo contrário, é que o encontro com a maturidade é vista e sentida, por esses jovens, como inspirador.

Por fim, acreditamos que o maior achado desta pesquisa é descobrir que a diferença na atuação reside na relação dos jovens e não-jovem com a diversidade. Conforme foi pontuado durante este artigo, os mais maduros reconhecem e têm internalizado a importância de acolher as diversas identidades que compõem o território. Por sua vez, os jovens esforçam-se mais para convidar, atrair, e estimular que o divergente venha fazer parte do movimento ambientalista.

### Referências

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Problemas da poética de Dostoiévski. Tradução Paulo Bezerra. 4a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. Cidadania e democracia. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 33, p. 5-16, 1994.
- BOY, D.; MAXEL, A.; ROCHE, A. Jeunes ecologists: un portrait en creux. IN: PERRINEAU, P. L'engagement politique; declin ou mutation? Fundación Nacional des Sciences Politiques, Paris, 1994, p. 267 - 290.
- BRASIL, Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004.
- BRENNER, A. K. Jovens e militância política. In: CARRANO, Paulo; FÁVERO, Osmar (Orgs.). Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2014.
- CARVALHO, I. C. M. Ambientalismo e juventude: o sujeito ecológico e o horizonte da ação política contemporânea. In: Novaes, Regina e Vannuchi, Paulo (orgs). Juventude e Sociedade; trabalho, educação, cultura e participação. Fundação Perseu Abramo e Instituto da Cidadania, São Paulo, 2004.
- CHARLOT, B. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre, 2000.
- FREIRE, P. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- KRISCHKE, P. J. Perfil da juventude brasileira: questões sobre cultura política e participação democrática. INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar, v. 1, n. 2, p. 3, 2004.
- MARCUZZO, P. Diálogo inconcluso: os conceitos de dialogismo e polifonia na obra de Mikhail Bakhtin. Cadernos do IL, v. 1, n. 36, p. 2-10, 2008.
- MELUCCI, A. A invenção do Presente: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- MISCHE, A. De estudantes a cidadãos: Redes de jovens e participação política. Revista Brasileira de Educação, n. 5-6, p. 134-150, Mai/Jun/Jul/Ago, Set/Out/Nov/Dez. 1997.
- NORRIS, P. The evolution of election campaigns: Eroding political engagement. Cambridge: Harvard University, 2004.
- PONTALTI, D. SALOMÃO, L. Carta da Terra em Ação: a formação de agentes socioambientais urbanos em São Paulo. In: INOJOSA, R.M. (org.) Educação para o Desenvolvimento Sustentável: metodologias e experiências. Curitiba: CRV, p.15-30, 2018.
- RECHDAN, M. L. A. Dialogismo ou polifonia. Revista de Ciências Humanas, v. 9, n. 1, p. 45-54, 2003.
- RIBEIRO, A. C. T. Territórios jovens: técnica e modos de vida. In: CARRANO, Paulo; FÁVERO, Osmar (Orgs.). Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2014.
- SOUZA, R. M. O discurso do protagonismo juvenil. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- SPINOZA, B. Pensamentos metafísicos; Tratado da correção do intelecto; Ética. Tradução e notas de M. S. Chauí. 3a ed. São Paulo: Abril Cultural. Coleção Os Pensadores. 1983